



## CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO: IDEIAS E ARTIFÍCIOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE NORDESTE (1920-1940).

Rosana Alexandre Santos<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho traz por finalidade a discussão e reflexão de elementos como o pensamento regionalista e a musicalidade de Luiz Gonzaga dentro do contexto de criação de uma identidade nacional e de que maneira esses elementos serão fundamentais na formação de uma imagética sobre o Nordeste.

**Palavras-chave:** Nordeste. Identidade. Sertão. Luiz Gonzaga. Pensamento Regionalista

### Para um Início de Conversa...

O sertão nordestino enquanto lugar de atraso e pobreza foi gestado, ao longo do tempo, sempre a favorecer os interesses daqueles que tinham na criação de uma imagem deturpada do Nordeste, a oportunidade para conseguir benefícios políticos e econômicos. Um exemplo significativo a esse respeito seria o que se refere à imagética de um local seco e esfomeado. A seca existente na região foi utilizada, muitas vezes, como elemento justificatório para a aquisição de verbas públicas.

O clima seco, a fome, a migração e a miséria do povo do sertão foram responsáveis pela construção da imagem de Nordeste que se tem na atualidade. Estes elementos do cotidiano sertanejo foram utilizados de maneira a criar e unificar uma ideia sobre a localidade como espaço inferior ao restante do Brasil. O romance de trinta, a música e o teatro também foram importantes fatores na criação e difusão da imagética de Nordeste dos dias atuais. Sobre a questão das ideias elencadas pelo romance de trinta, Albuquerque Jr. (2011) nos dirá que:

O romance de trinta instituiu uma série de imagens em torno da seca que se tornaram clássicas e produziram uma visibilidade da região à qual a produção cultural subsequente não consegue fugir. Nordeste do fogo, da

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia. Email: rosana-santos8@hotmail.com

brasa, da cinza e do cinza, da galharia negra e morta, do céu transparente, da vegetação agressiva, espinhosa, onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes(...). Estes romances traçam um “painel do inferno”, uma paisagem desértica, crestada, ressequida, desnudada. Nordeste que parece naturalmente condenado às cinzas, à desolação, ao martírio e à dor cujos personagens têm destinos marcados, por esse encontro, com a desgraça irrecorrível, com um mundo de fatalidades (...)<sup>2</sup>

Por meio dessa análise trazida por Durval, é possível percebermos que a imagem de Nordeste reforçada pelos literatos de 30<sup>3</sup> objetivava demonstrar o lugar como espaço do subumano, do sofrer diário e da aceitação desta vida de miséria. O autor dirá ainda que a impressão dessa visibilidade da região não permitirá que a ideia se desfaça do imaginário quando se fala na localidade, evocando sempre a mesma imagem acerca do Nordeste até os dias de hoje.

O símbolo do atraso nacional foi difundido e reafirmado no Sul<sup>4</sup>. Este, por sua vez, difundiu a ideia de um Nordeste incivilizado como justificativa para se afirmar como portador da verdadeira representatividade da identidade nacional, lugar da modernização, do progresso e da economia. Sabe-se que a questão de se criar uma identidade nacional, uma representatividade para a nação, não era algo novo, no entanto, a ideia será intensificada a partir do período compreendido como Estado Novo<sup>5</sup>, sob as ideias e projetos do então presidente Getúlio Vargas<sup>6</sup> como tentativa de se criar uma imagem para o Brasil.

Dentro deste contexto de se criar uma identidade para o Brasil, de se firmar a nação com o objetivo de demonstrar um país sem conflitos onde a elite e o povo conviviam de forma pacífica, sem maiores tensões, as regiões Sul e Nordeste vão protagonizar as disputas dentro do cenário brasileiro na tentativa de se firmarem como a “melhor escolha” para a representatividade da nação.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. Pp.139

<sup>3</sup> Esses literatos se tratam de autores como Jorge Amado, Rachel de Queiróz, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo, os quais foram responsáveis por grande parte das obras literárias no período de 30.

<sup>4</sup> Ao longo do trabalho me referirei à região Sul como a parte do país compreendido além dos estados da região, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, também os estados da região Sudeste: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Isto se deverá por conta do próprio Luiz Gonzaga se referir, principalmente aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, como pertencentes à região Sul. Talvez esta forma de expressar os estados da região Sudeste como sendo integrante da região Sul tenha sido colocada como forma de facilitar a compreensão dos sertanejos para quem Gonzaga direcionava suas músicas e os quais, acredito, tinham a visão de que todo lugar fora do Nordeste seria considerado como Sul.

<sup>5</sup> Período compreendido entre 1937 a 1945 tendo Getúlio Vargas como presidente do Brasil em um sistema caracterizado pela centralização do poder e pelo anticomunismo.

<sup>6</sup> Para um melhor aprofundamento acerca do governo de Getúlio Vargas e suas ações na tentativa de criação de uma identidade nacional ver SILVA, Raul Mendes; CACHAPUZ, Paulo Brandi; LAMARÃO, Sérgio (org.). Getúlio Vargas e seu Tempo. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Avenida Chile, 100 Centro, Rio de Janeiro, RJ. Livro disponível no site [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livr\\_o\\_gv/introducao.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livr_o_gv/introducao.pdf), consultado em 13/05/2012.

Dentre os elementos utilizados na “construção do Nordeste”, a música de Luiz Gonzaga (a partir da década de 40) vai surgir como tentativa de trazer a imagem de um sertão seco, miserável, esfomeado, mas, também, um sertão alegre, festeiro, bonito e dinâmico. Gonzaga vai tentar demonstrar, através do cotidiano no sertão, que o local além do sofrimento, também possui uma cultura rica em festas e movimentação humana. No que se refere ao conceito de cultura, tomemos aqui de empréstimo o que nos diz Gama:

Cultura só poderá ser entendida a partir do ser humano no mundo, em dimensão social, logo não pode ser cristalizada apenas no conhecimento teórico, mas na sensibilidade, na ação e na comunicação. O ser humano é o agente da cultura e produtor desta (...). A cultura se apresenta de forma heterogênea, e a analisarmos como aquilo que está presente na memória coletiva, podendo manifestar-se de várias formas, como a religiosa, o modo de se vestir, costumes cotidianos e, no que nos interessa particularmente, na música. A cultura de um povo é escrita, contada e trabalhada, ela se manifesta em todas as áreas do cotidiano e em todas as partes do corpo do ser humano.

Segundo Gama, a cultura seria o resultado da ação humana, da sua movimentação e vivência dentro da sociedade. A cultura, por sua vez, encontra espaço de manifestar-se no cotidiano do ser humano, nas suas práticas diárias e na convivência em sociedade. Estas práticas, manifestações e vivências culturais são facilmente encontradas na música de Luiz Gonzaga, o qual trazendo em seu próprio corpo simbologias que representam a cultura sertaneja, como o gibão, indumentária típica do vaqueiro no sertão nordestino, e o chapéu de couro, personifica em sua musicalidade o cotidiano e os costumes do povo sertanejo. Envolvido em um contexto que retrata o Nordeste tão somente como espaço da miséria e da fome, Gonzaga apresentará, além destes elementos, o sertão como o lugar de movimento, trazendo uma cultura que resiste ao tempo, que se dinamiza e se reconstrói.

Fazendo jus ao conceito de cultura elencado por Gama, Gonzaga vai ressaltar em suas músicas a movimentação humana dentro da cultura sertaneja, criando uma identidade para esta gente, uma forma de “ser sertanejo”.

No que diz respeito à significação de identidade, André Luiz Piva de Carvalho<sup>7</sup> irá defini-la como uma construção social que se processa no âmbito das projeções simbólicas com exaltação das diferenças culturais<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> André Luiz Piva de Carvalho é docente do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

No conceito do autor, a identidade social seria uma construção feita por um grupo que se identifica com determinadas práticas culturais e pelo outro que os identifica como participantes desse grupo. Aqui, o que se tem como identidade é a singularidade e o pertencimento a determinados grupos culturais.

É entre o povo, então, na sua vida cotidiana, com a percepção das intrincadas questões sociais e do manancial espontâneo das manifestações culturais que aprendemos a identificar o mundo e o ver como datado de sentido, em função de seus lugares difusos e efervescentes, de posições convergentes e divergentes, de identidades possíveis de serem percebidos a "olho nu"<sup>9</sup>.

Nesta passagem, fica clara a ideia do autor ao dizer que identidade é encontrada no grupo humano, dentro de suas manifestações e pertencimentos culturais. É através do cotidiano deste povo, suas escolhas e histórias de vida, suas preferências, que a identidade pode ser gestada e encontrada.

Ainda refletindo sobre o conceito de identidade, vamos pensar agora no que nos traz Milton Moura:

O que seria, então, uma identidade? Muitas vezes, estudantes e pesquisadores buscam uma definição simples, no sentido de facilitar a compressão. Não creio que esta seja uma boa opção, inclusive porque não faz sentido falar em uma identidade ou a identidade como uma coisa dada. O que se pode observar e experimentar são identidades em interação, tanto em dinâmicas de consenso como em dinâmicas de conflito<sup>10</sup>.

Aqui, é possível compreender que o autor elabora o conceito de identidade como algo mais amplo. Salientando que não se deve pensar o termo como algo simplório ou mesmo isolado. Moura acredita que a identidade só pode ser compreendida se for pensada de maneira mais plural, atentando-se para as relações de interação entre as identidades, tanto em aspectos de concordância como em aspectos de conflitos. Não se pode pensar em identidade, mas em identidades.

Ainda segundo a análise de Milton Moura a respeito das identidades, o autor vai comparar o estudo dessas à leitura de um texto, onde cada leitor tem um olhar diferenciado e complementa o olhar do outro, dando maior significado e contribuição à análise de identidade. Esta seria como a leitura de uma obra em que cada um

---

<sup>8</sup> CARVALHO, André Luiz Piva. Construção identitária: Projeção simbólica. IV ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/ UFBA; Salvador-Ba. Pp. 47.

<sup>9</sup> Idem. P. 52.

<sup>10</sup> MOURA, Milton. Identidades: Construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In: Cultura e atualidade. Antônio Canelas Rubim, organizador – Salvador: EDUFBA, 2005. P. 80

pode se afeiçoar a determinados aspectos e neles dar maior ênfase e atenção ou mesmo um aprofundamento maior na leitura, buscando dentro da mesma os elementos norteadores para a composição da obra.

Proponho compreender a construção de uma identidade, ou de identidades, como um texto. E um texto pode ser compreendido pelo menos em três dimensões. A primeira, de tecimento. O olhar que capta uma identidade desta forma normalmente deseja conhecer seu processo de construção. A segunda dimensão é de tecido. Costumamos realçar esta dimensão quando miramos uma identidade a partir de uma obra artística ou literária ou de um ensaio científico que ofereça uma versão de uma sociedade, grupo ou indivíduo. E podemos ainda perceber o texto na sua dimensão de contextura, tessitura. Esta concepção de identidade costuma conferir mais importância à estrutura do texto identitário<sup>11</sup>.

Nessa passagem, Moura nos traz um estudo de identidade que contempla suas várias dimensões e aspectos. Na opinião do autor, cada um pode escolher qual aspecto quer se aprofundar. O processo de construção ou mesmo o estudo do grupo identitário em questão fazem parte da ótica diferenciada de cada um que escolhe refletir acerca da construção das identidades. Segundo Moura, é exatamente a complementação desses olhares um com o outro que torna possível e significativo o estudo da identidade ou das identidades.

Neste contexto, Luiz Gonzaga surgirá, a partir dos anos 40, com o objetivo de cantar a identidade sertaneja. Levando para as outras regiões do país um “jeitinho” de ser nordestino. Cantando os costumes e vivências do povo do sertão, Gonzaga vai criar e difundir uma ideia de Nordeste de contrastes e lutas. Luta contra a seca, a fome, a miséria. Luta contra o “destino” que insiste em colocar o sertanejo como o pedinte e retirante.

Mais que o lugar das tradições e harmonia, Gonzaga trará em suas músicas o sertão como o espaço da fé, da alegria e dos amores, espaço que continua se reinventando apesar dos estereótipos, ganhando novas dimensões em sua musicalidade.

### **Construindo a Imagem de Nordeste: O Pensamento Regionalista**

O Movimento Regionalista<sup>12</sup> surgirá das elites nordestinas, como Gilberto Freyre, a partir dos anos 20, que, insatisfeitas com a forma que o Nordeste estava sendo difundido, bem como a tentativa da região Sul de se firmar enquanto melhor

<sup>11</sup> Ibidem p. 80.

<sup>12</sup> Esse movimento surgirá no final do século XIX e passará a ganhar força após o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo na cidade de Recife em 1926, do qual participou com a leitura de seu “Manifesto Regionalista” o literato Gilberto Freyre.

representante da nação, terão como objetivo principal demonstrar o Nordeste como portador da verdadeira "identidade do Brasil", berço da originalidade do país. O movimento tinha, dentro de seus ideais, o propósito de combater os olhares pejorativos inferiorizantes que se espelhavam no Sul em relação ao Nordeste, ao mesmo tempo em que visavam uma valorização dos costumes regionais como tentativa de "frear" uma possível modernização para a região. O discurso regionalista será pautado na saudade e valorização das lembranças dos tempos de engenho.

Analisando os ideais do movimento regionalista no Nordeste, fica possível percebermos que o que se idealizava era não somente uma valorização, um olhar para a região, mas também, uma reflexão acerca dos problemas sociais enfrentados pela localidade. A propagação das imagens de Nordeste miserável difundido pelas obras literárias tinha por objetivo, também, um pedido de atenção para o lugar, o desejo de ajuda e socorro das outras regiões do país como forma de amenizar a situação crítica da localidade. É sabido que a imagética criada para o lugar acabou difundido uma ideia, em parte, deturpada sobre a região; no entanto, é necessário se pensar que a divulgação das narrativas e imagens de um lugar triste e sofrido eram as armas que estes literatos tinham para conseguir chamar a atenção do Brasil para o Nordeste, e, conseqüentemente, para os seus problemas.

A ideia de nordeste que Luiz Gonzaga vai apresentar em suas músicas é o resultado de todo este processo discursivo e construtivo acerca da região. Quando Gonzaga surge na década de 40 trazendo um nordeste vivo e forte, o país ainda está às voltas com a tentativa de se criar uma identidade nacional, algo que possa representar uma imagem de país civilizado e unificado. Para entender como a ideia de Nordeste vai se construindo desde o início do século XX até chegar à imagem da localidade cantada por Luiz Gonzaga, é fundamental que se reflita e discuta aqui o pensamento do discurso regionalista. Este, por sua vez, surgirá com Gilberto Freyre e ganhará força a partir dos anos 20 e com as obras temáticas de Nordeste na literatura de 30.

Para uma breve compreensão acerca do pensamento regionalista, vamos analisar o que nos diz Albuquerque Júnior sobre o assunto:

Vai se operar nestes discursos com um arquivo de clichês e estereótipos de decodificação fácil e imediata, de preconceitos populares ou aristocráticos, além de "conhecimentos" produzidos pelos estudos em torno da região. Usar-se á, sobretudo o recurso à memória individual ou coletiva, como aquela que emite a tranquilidade de uma realidade sem rupturas, de um

discurso que opera por analogias, assegurando a sobrevivência de um passado que se vê condenado pela história<sup>13</sup>.

Aqui, é possível percebermos que o discurso regionalista visará demonstrar a imagem do Nordeste pautada na memória, sendo esta individual ou coletiva, como artifício para criar a visibilidade de uma região que permanece intacta em meio à modernização, um apego ao passado como maneira de sobreviver às mudanças que se anunciam.

Para entender o que Albuquerque Junior nos diz, é preciso ter em mente que o discurso regionalista vai ganhar força na defesa do Nordeste como genuíno representante da identidade nacional num momento em que o país começa a se modernizar, onde a região Sul vai ganhando espaço na representatividade da nação, em contraposição à região Nordeste, em que a elite regional ver-se perdendo seu lugar de status político e econômico dentro da sociedade brasileira. Desta forma, como nos esclarece Albuquerque Junior, o Nordeste do discurso regionalista era um apego ao passado, uma tentativa de “frear” as mudanças na região que começavam a dar seus sinais de surgimento. O temor da elite regional era, na verdade, que essa modernidade que começava a ganhar força no Sul, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, acabasse por “descaracterizar” o Nordeste. Esta descaracterização pode ser compreendida na perda do sistema de mando que estas elites detinham na região, principalmente no período compreendido como República Velha, onde os poderosos do lugar detinham grandes poderes políticos, econômicos e sociais dentro das localidades<sup>14</sup>, e a perda dos costumes e tradições.

Ainda se pensando nos ideais regionalistas como reivindicação para o reconhecimento do Nordeste como o espaço genuinamente brasileiro, e de como esse discurso inspirou elementos como obras literárias, teatro, pinturas e músicas na construção da imagem da localidade que foi sendo difundida nas outras partes do país, é importante aqui, para uma melhor compreensão dessas ideias, que se evoque e reflita um pouco o pensamento de Freyre em seu manifesto regionalista<sup>15</sup> acerca de suas ideias desse Nordeste que se tentava construir:

<sup>13</sup> ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. Pp.90

<sup>14</sup> Para um maior entendimento do período citado ver, RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *O Processo Político na Primeira República e o liberalismo oligárquico*. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 89.

<sup>15</sup> Este “Manifesto Regionalista”, escrito por Freyre e lido no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo na cidade de Recife em 1926, tinha por característica uma linguagem expressiva em defesa das tradições nordestinas e uma aversão ao “estrangeirismo” e mudança de valores, ocorrido pela modernização, que vinha se afirmando no Sul.

Nosso momento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil. Uma nova organização em que as vestes em que anda metida a República – roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, para gelos que não existem por aqui – sejam substituídas não por outras roupas feitas por modistas estrangeiros, mas por vestido ou simplesmente túnica costurada pachorrentamente em casa: aos poucos e sob medida<sup>16</sup>.

É possível percebermos certa aversão aos modismos europeus que se fazem presentes na sociedade brasileira. Vejamos o que Freyre nos diz mais adiante:

Essa desorganização constante parece resultar principalmente do fato de que as regiões vêm sendo esquecidas pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os “direitos dos Estados”, outros, com as “necessidades de união nacional”, quando a preocupação máxima de todos deveria ser a de articulação inter-regional. Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepujessem regiões sociais<sup>17</sup>.

Analisando estes dois momentos do pensamento de Freyre, é possível percebermos o quanto seu discurso trazia certa aversão aos costumes europeus arraigados na sociedade brasileira – entenda-se aqui, na região Sul – e como o sistema de Estados instaurado no período republicano é algo que incomoda o intelectual, haja vista que o mesmo vê este processo como uma desorganização do país, uma espécie de retrocesso do Brasil por esquecer-se de dar a devida atenção às regiões, causando um esquecimento acerca da preocupação em se pensar as regiões como formadoras do Brasil. Nesse momento de seu discurso, Freyre traz o Brasil como algo desorganizado em consequência das influências estrangeiras, desses “modismos” que se instalavam na sociedade. Era exatamente a busca de uma nova reflexão acerca dos costumes europeizados que se instalavam rapidamente na cultura brasileira que os ideais regionalistas traziam à tona. É o desejo de um Brasil não demasiadamente europeizado que Freyre vai discutir e defender em seu discurso.

Analisando o pensamento de Freyre é possível percebermos nas entrelinhas certa resistência às mudanças que estão ocorrendo no período. Com o advento da República, o Brasil passa a ser administrado no sistema de Estados, findando-se o sistema das oligarquias. Na região Nordeste, isto implica tirar dos grandes latifundiários o poder político e domínio sobre a região. Esta perda do controle consequentemente traz resistência às novas mudanças ocorridas na sociedade. Em Freyre, esta resistência pode ser facilmente encontrada em trechos do seu manifesto,

<sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. P.47.

<sup>17</sup> FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. P.47



de maneira muito clara: “ regionalmente é que deve o Brasil ser administrado. É claro que administrado sob uma só bandeira e um só governo (...)”<sup>18</sup> .

O Nordeste é trazido como o lugar da riqueza de tradições e clareza de caráter. Os discursos da fome, da miséria, do cangaço e da pobreza de sua gente não deixam de se fazer presentes. No entanto, a exaltação às tradições será colocada como fator principal de aversão aos modernismos do Sul. É trazendo à tona a cultura da região Nordeste que Freyre chama a atenção da localidade como legítima representante do país, origem das raízes e tradições do Brasil. Ao decorrer do texto, Freyre irá trazer a culinária brasileira em suas diferentes regiões e situações. Os doces, quitutes e a incorporação de novas receitas nas refeições diárias são vistos pelo literato como algo negativo dentro da sociedade, haja vista que esses aspectos acabam influenciando e modificando os costumes sociais e familiares.

Em relação à influência estrangeira na culinária nacional, Freyre irá trazer o Nordeste como a localidade que menos sofre esta influência. Neste momento do texto, é perceptível certo saudosismo em relação aos tempos da Casa Grande, onde os senhores eram servidos ao bel prazer de suas gulodices. Este aspecto da casa grande de mesa farta não se reflete, óbvio, nas demais categorias da sociedade como negros libertos e a população desafortunada, onde esta parcela da população sequer teria noção ou condições - diga-se aqui, no que se refere ao acesso a determinadas refeições - de observar estas mudanças na culinária.

A fome, principal característica da pobreza extrema em que vivia (e ainda vive) certa parcela da população, será analisada por Josué de Castro (1984) no sertão nordestino como surtos epidêmicos. Segundo o autor, a fome na localidade será caracterizada por surgir em períodos específicos com o advento das secas.

Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos<sup>19</sup>.

A fome ressaltada por Castro é colocada como advento das secas. Esta seca será responsável, ainda, pela perda das lavouras, da criação e enfraquecimento da economia no sertão. Economia esta, que será alicerçada na criação de animais de pequeno porte como cabras e porcos e na plantação de pequenas lavouras. Esta

---

<sup>18</sup> Idem. P. 48

<sup>19</sup> CASTRO, Josué. Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. P. 166.

característica econômica da região, com uma economia girando em torno de atividades de pequeno porte, será resultado de um processo de abandono pelo qual passa a localidade logo após a colonização.

Verificada, porém, a inexistência das minas no sertão nordestino e a pouca serventia das suas terras para uma agricultura de grande rendimento, como se praticava na zona da mata, cedo se desviou a atividade do colono sertanejo para a pecuária<sup>20</sup>.

Nas palavras de Castro é possível analisarmos que os problemas econômicos encontrados na região Nordeste será resultado do abandono da região no período colonial ao descobrir-se que não haviam riquezas para serem exploradas na localidade. Esta “decepção” em relação ao lugar fez com que o mesmo fosse vitimado pelo abandono e falta de interesse em maiores investimentos econômicos e sociais. Restou ao colono somente a pecuária e agricultura, as quais serão as atividades que melhor se adequam às condições do lugar.

E de vários engenhos mais ricos se sabe que, para regalo dos papa-pirões, conservaram até há pouco tempo a tradição da mesa larga e sempre pronta a receber hóspedes, como se todo dia fosse neles dia santo ou dia de festa(...) tradição, essa de casa de engenho de mesa farta, vinda de época remota<sup>21</sup>.

Nesse momento, é possível percebermos o saudosismo presente no pensamento de Freyre quando ele relata o cotidiano da casa grande nos engenhos onde “conservavam até há pouco tempo a tradição da mesa larga e sempre pronta a receber hóspedes”. No período de escrita do autor, este é um hábito que não ocorre mais, costume que deixa Freyre saudoso. Este saudosismo se faz perfeitamente compreensível se pensarmos que Gilberto Freyre escreve em um momento ainda muito ligado às lembranças e tempos dos grandes engenhos do Nordeste. Tempos áureos para a elite latifundiária que desfrutava de grande poder político e econômico na região onde os libertos e desafortunados não se veem enquadrados nesse complexo de lembranças e nostalgia.

### **O sertão que é Difundido: A Inferiorização que se Afirma**

Quando a imagem de Nordeste vai sendo gestada a partir do início do século XX, tinha-se como objetivo principal difundi-la como legítima representante da identidade nacional que o Brasil estava se propondo a criar. Neste período, é a região

<sup>20</sup> Ibidem. P.177.

<sup>21</sup> FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996 P.53

Sul que se destaca no cenário nacional como melhor representante da identidade tão buscada pela nação. Vejamos como se caracterizou a ideia de unificação da nação:

A formação discursiva nacional-popular pensava a nação por meio de uma conceituação que a via como homogênea e que buscava a construção de uma identidade, para o Brasil e para os brasileiros, que suprimisse as diferenças, que homogeneizasse estas realidades. Esta conceituação leva, no entanto, a que se revele a fragmentação do país, a que seus regionalismos explodam e tornem-se mais visíveis<sup>22</sup>.

Nisso, é possível percebermos que o ideal de nação era algo muito fechado somente a uma visão ou predominância de uma cultura sobre as outras. Refletindo sobre o que Albuquerque Junior nos traz, é possível compreendermos, no entanto, que o surgimento do regionalismo e a sua força ideológica irão aparecer exatamente em contraposição a esse ideal de nação una e sem diferenças entre si. Se pensarmos que o processo de industrialização<sup>23</sup> no país vai ganhar força nos anos 30 e se fortalecer em meados do século XX, no período pós Segunda Guerra Mundial, e que são os estados do Rio de Janeiro e São Paulo os maiores responsáveis pelo avanço neste aspecto econômico do país, logo, a região sul, e que na busca pela representação de um Brasil forte, civilizado e próspero que demonstrasse lá fora a imagem de um país de sucesso, o Nordeste, a partir das imagens criadas pelos regionalistas não era a melhor opção para representar esse ideal de nação que se pretendia difundir.

É sabido, até os dias de hoje, que a realidade social vivida pelo sertanejo, em todo seu contexto, não se faz muito diferenciada da imagética que se criou de um Nordeste miserável. A região, mesmo contendo em si todos os seus contrastes, ainda sofre com a seca, com a falta de recursos e com a precariedade da situação de boa parte de sua população. As políticas públicas parecem não alcançar todo o contingente necessitado da região. Dizer que a imagem que se difundiu no país é uma mentira, seria omitir, em parte, uma realidade muito presente no dia a dia da população nordestina. Sendo assim, a utilização dos elementos infortúnios foi de grande importância para se “construir” o Nordeste para o Brasil. O Sul, por sua vez, não parece ter problemas. A pobreza e intempéries parecem não ter sido aspectos constantes dentro da sociedade sulista. Ao menos, não que se quisessem mostrar. Assim, seria o Sul, e somente o Sul, o responsável por dar visibilidade ao país.

<sup>22</sup> ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. P. 61

<sup>23</sup> Para um aprofundamento maior acerca do processo de industrialização no Brasil, ver LUZ Maria Vilela. A luta pela industrialização do Brasil. Editora Alfa e Omega. 2 ed. São Paulo, 1978.

Não era possível, no entanto, concretizar-se o ideal de nação tendo o Brasil tantos contrastes e pluralidades. De um lado, uma região dita rica, próspera e civilizada. Do outro, um lugar cheio de miséria, fome e pessoas ignorantes. Como resolver este conflito? Como unificar esse Brasil tão cheio de “brasis”<sup>24</sup>? . A solução encontrada para tal será exatamente a inferiorização da região Nordeste em contraposição à supervalorização do Sul. Ora, se era necessário a criação de uma identidade nacional que viesse demonstrar o que o país tinha de melhor, logicamente que a região Sul, a tida como civilizada e progressista, vai ser a escolhida para a missão. Esta escolha pode ser compreendida facilmente se pensarmos que é nessa região onde se encontra não só as mudanças ocorridas com a modernização, mas também, um maior quadro empregatício como consequência da mesma. É por meio destes elementos que a inferiorização do Nordeste vai sendo construída numa perspectiva ideológica, social e cultural em contraposição ao Sul. É por não fazer parte deste lado “civilizado” e promissor do país que o Nordeste vai ganhando status negativo no restante do país.

O sertão distante, terra estranha e pouco conhecida, vai sendo descoberto pelo Sul à medida que a literatura, a música, o teatro e as artes vão construindo um lugar pautado no pensamento do regionalismo e criando uma visibilidade para a região. As ideias e imagens de Nordeste que são difundidas no Sul serão responsáveis pelo surgimento dos preconceitos e estereótipos em relação à região. Vejamos o que nos diz Vasconcelos:

Este último argumento também apontará problemas e contradições no discurso dos regionalistas, visto que essa valentia, tida como positiva, geraria os temidos e monstruosos cangaceiros do nordeste e os beatos fanáticos, sendo ambos capazes de lutar até a morte para defender suas crenças e valores<sup>25</sup>.

O regionalismo foi responsável por trazer a imagem de um sertanejo nato, forte, sem mistura estrangeira, legítimo representante das raízes do Brasil. Segundo Vasconcelos, esta ideia vai gerar no Sul, a criação da imagem de um sertanejo cangaceiro, sanguinário e violento, um homem sem freios, desrespeitoso das leis, apático à moral e aos bons costumes.

Continuando, Vasconcelos nos dirá que:

---

<sup>24</sup> Sobre o esclarecimento de “brasis” dentro do Brasil, ver VASCONELOS Claudia Pereira. Ser-tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. P. 39.

<sup>25</sup> VASCONELOS, Claudia Pereira. Ser-tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. P. 52.

Para explicar esse fato, os regionalistas apelam para a ideia de que esses casos e comportamentos extremos seriam uma exceção no caráter do sertanejo, sendo produto da falta de instrução e do pouco acesso ao progresso e à educação, mais um motivo para que houvesse um maior investimento na região<sup>26</sup>.

Aqui, é possível percebermos, entre outras coisas, certa contradição no pensamento regionalista. Se o advento da modernização do país era algo constantemente criticado pelos pensadores regionalistas, justificando que a mesma causaria a perda das tradições e costumes da sociedade, como pode aqui, na reflexão de Vasconcelos, que os intelectuais justificassem o surgimento de cangaceiros e beatos como consequência do pouco acesso sertanejo ao progresso? Outro fator justificatório para os casos citados pelos sulistas era a questão de pobreza do sertão, justificando, mais uma vez, o pedido de recursos. É esta pobreza, este viver diariamente como um pedinte da “boa vontade” alheia que faz o sertão viver neste constante atraso. Esse retardamento no desenvolvimento do lugar será consequência da falta de investimentos na localidade, falta de políticas públicas que visem tirar a população do quadro de indigência na qual vive.

A seca e a miséria da população são utilizadas como artifício para se criar a imagem de uma gente atrasada e ignorante. Em resposta a estes “ataques”, o movimento regionalista irá dizer que a situação de penúria e os casos isolados de messianismo e surgimento de cangaceiros proveriam da falta de instrução do povo sertanejo. Estes aspectos eram utilizados pelos poderes locais como justificativa para se conseguir benefícios e recursos para “amenizar” o sofrimento do povo do sertão.

As construções discursivas e imagéticas que foram gestadas ao longo do tempo a respeito do sertão, fizeram com que o mesmo, em determinados momentos, servisse como elemento do deboche, configurando-se como lugar do bizarro, do exótico e motivo do riso alheio. Este tipo de configuração foi responsável pelo preconceito e inferiorização sofridos pela região Nordeste nos dias atuais. Na atualidade, quando se fala em sertão, logo vem à cabeça as imagens do gado morto nas propriedades, dos pedintes e retirantes pelas estradas. A imagem de sertão que foi construída durante décadas, não permite, até hoje, que se desvie o olhar do ângulo da pobreza e sofrimento de sua gente e se perceba que o sertão também é vida, cultura e alegria.

Dentro deste contexto de “construção” imagética e discursiva do Nordeste, houve aqueles que se dispuseram a tentar trazer um “outro lado”, ainda que

---

<sup>26</sup> Ibidem. P. 52.

vitimado pelo preconceito, de um sertão alegre apesar do sofrimento. Um sertão vivo, um sertão de amores, de festas e de costumes simples que se fazem os norteadores da vida em sociedade do lugar. Sertão dos pássaros cantantes ao amanhecer, sertão do homem forte que resiste à fome e de mulheres que oram e não perdem a esperança em meio ao desespero. Sertão onde a chuva é o elemento mais precioso, onde o verde da plantação se faz o principal motivo do largo sorriso nos rostos queimados e castigados pela vida de labuta diária em meio ao sol ardente. Dentre aqueles que se propuseram a cantar este sertão de "outros olhares", Luiz Gonzaga vai se destacar por trazer um sertão que sorri apesar da dor.